

# Dona Olivia

O centenário de dona Olivia Guedes Penteadó provoca inevitavelmente a evocação saudosista de uma época que, por força do hábito, se denomina "bela", mas que indiscutivelmente se assinalou em São Paulo por uma finidade muito grande entre a burguesia do café e os artistas e intelectuais. Dona Olivia encarnou nas primeiras décadas do século esse espírito de aproximação entre mundos aparentemente tão distintos, mas na verdade analogamente postulados pela beleza e pela criação. E dona Olivia não foi a única a representá-lo em São Paulo. Dona Nazareth Prado, assim como, anteriormente, dona Veridiana, demonstraram com elegância que em Higienópolis e nos Campos Elísios era possível viver civilizadamente, como se vivia em Paris.

A prova dessa superioridade é que o mais notável dos filhos de dona Veridiana, amigo de Eça de Queirós, forneceu ao romancista a matriz do Jacinto de "As Cidades e a Serra": sua fazenda do Brejão encontrase descrita na propriedade de Tormes. Refiro-me, é claro, a Eduardo Prado, o "príncipe da grã-ventura", morto há setenta anos, dois decênios antes de se pensar na revolução modernista. Mas seu sobrinho, o historiador Paulo Prado, iria tornar-se um dos inspiradores do movimento, recebendo em sua casa da avenida Higienópolis a Oswald, Mario, Tarsila, Di Cavalcanti, Sergio Milliet, Brecheret, os "rapazes" dos anos de 20.

Curiosa sociologia poderia ser construída em torno do eixo Higienópolis-Campos Elísios, no qual Prados e Penteados procuravam desprovincianizar sua cidade, projetá-la a um garbado europeu. Ia longe o tempo em que o conselheiro José Bonifácio de Andrada e Silva rosnava numa carta: "a minha bestial província". Era a São Paulo que o Patriarca se referia, num momento de amargor. Em 1922, porém, cem anos depois, a "bestial província" começava a tornar-se decididamente cosmopolita: Um decênio mais tarde viria a Universidade, quinze anos após começariam as Bienais. Em 1922 o embrião de tudo isso se articulava com a Semana de Arte Moderna, na qual dona Olivia desempenhou papel de retaguarda, mas da mais alta importância. Sua casa na Duque de Caxias, esquina da

Conselheiro Nebias, abrigou um salão "modernista", pintado por Lasar Segall. Essa decoração lamentavelmente desapareceu, quando a residência foi demolida. Pode-se imaginar a ressonância do "décor" cubista, preservado até hoje?

Nessa época, Blaise Cendrars visitava São Paulo numa de suas sortidas de internacionalismo poético. Uma noite jantou em casa de dona Olivia, mas o punho da camisa, sob a manga do paletó, ostentava um pedaço de arame torcido. O "Bourlingueur" havia perdido a abotoadura.

Dona Olivia morou anos a fio em Paris, na Paris do começo do século, na Paris retratada por Marcel Proust, que se a tivesse conhecido possivelmente teria aproveitado traços seus em alguma dama do "cote de Guermantes". Era a essa requintada sociedade internacional que a paulista pertencia. Os Campos Elísios equivaleriam a um "faubourg Saint-Germain" se a burguesia do café tivesse tido em São Paulo o seu romancista, o seu Proust. Em sua casa o príncipe de Gales, o duque de Windsor e o duque de Kent foram recebidos ao visitarem esta cidade após a Revolução de 30, quando João Alberto era nosso interventor.

Os contemporâneos são unânimes em afirmar que a filha do barão de Pirapitingui possuía um extraordinário tato social, e praticava superiormente a arte de ouvir o interlocutor, arte tão difícil quanto rara. Todos os "proustianos" sabem como o autor da "Recherche" sabia prezar essas finuras psicológicas e como se comprazia em descrevê-las, nuançando-as à potência infinita da linguagem.

Há um dos "rapazes" da Semana de Arte Moderna que ainda não prestou depoimento sobre seu tempo, embora tenha estado intimamente ligado a todos os feitos heróicos da época. Refiro-me ao discretíssimo Rubens Borba de Moraes, que tudo presenciou, tudo viveu, mas inexplicavelmente se obstina em permanecer calado. Entre o "Domingo dos Seculos" e "Le Chevalier au Barizel" há uma lacuna em sua bibliografia: o livro que deve oferecer-nos agora sobre dona Olivia, sobre Paulo Prado, Oswald, Mario, Guilherme, Sergio, sobre Cendrars, sobre a "Semana". O intimado que se defenda, ou alguém por ele.

*"Folha de São Paulo"*

17-III-1972

Uma estatua para Choplin